E AGORA?

E agora, José Eduardo? ▸ Os prêmios de melhor filme no Festival do Rio e no Cine Ceará para *Se nada mais der certo* chamaram uma atenção inédita para o trabalho de **José Eduardo Belmonte**. De volta a São Paulo depois de uma vida quase inteira em Brasília, o cineasta de *Subterrâneos*, *A concepção* e *Meu mundo em perigo* vive talvez o melhor momento de sua carreira, que inclui curtas viscerais e videoclipes antológicos. Mas a maturação do processo criativo, ele pensa, não garante que tudo agora vai dar certo.

O que deu certo

"Cinema tem muito a ver com uma frase, se não me engano, do Krishnamurti: 'Equilíbrio é algo que, quando se encontra, logo se perde'. Minha relação com o *Se nada mais der certo* é um pouco essa. Quando terminei o filme fiquei muito satisfeito, leve. Mas depois comecei a ver coisas que podiam mudar, que não foram feitas por falta de dinheiro, tempo... Que o filme precisava de mais um pouco de maturação na montagem. Mas tinha o Festival do Rio... Enfim, é sempre assim, independente do sucesso do filme. A comparação com o quadro vale. Chega um momento em que você tem que largar a tinta, assinar, botar a data e aceitar."

"Acho que, pelo menos, *Se nada mais der certo* é uma maturação do processo a que me lancei no *Subterrâneos*. Nisso acho que fui razoavelmente feliz. Fui entendendo como articular um diálogo com a plateia de filmes que partiam somente da dúvida, da crise, da ansiedade. Mas não me dou por satisfeito ainda. Tem algo de que me orgulho: no quesito direção de atores, acho que foi a minha melhor. Tanto na composição do elenco, como no processo de achar o personagem, o tom, entrar na frequência, na sensação certa para o filme, no desenvolvimento de um método."

Prêmios duram pouco

"O cinema brasileiro é um eterno Lázaro, e prêmios têm duração curta. No ano seguinte já tem outro filme bombando, um movimento que surge, um grupo de novos realizadores, e você tem que começar do zero. Mas tem outro lado também: por mais que a gente não se deixe influenciar por prêmios, eles criam uma sensação de que agora se está livre para trilhar novos caminhos."

O lugar da radicalidade

"A radicalidade nunca foi um compromisso para mim. É algo que vem de acordo com a demanda. É espontâneo, e não uma atitude política ou de marketing. Quando opto por uma história procuro o caminho que julgo mais honesto para contá-la, possa isso soar radical ou não. Quando realizei *A concepção* não via outra forma de contar aquela história – e o pior, por ter essa certeza disso, pensava que seria um filme acessível."

De Brasília a São Paulo

"Quando larguei Brasília foi quase como quem parte para o exílio. Achava que a cidade sofria um esvaziamento intelectual, ético. Era uma cidade que se forjava num ambiente de inveja, ignorância e brutalidade. Sentimento que se confirmou com os fatos recentes. Logo, a mudança para São Paulo foi ótima porque me manteve vivo, atento. Por essa mudança e a minha descoberta do Candomblé, sinto-me hoje mais ligado à terra, ao outro, ao agora. Sem mistificações ou o isolamento de antes."

Próximos abismos

"Um clichê que é verdade: é o projeto que te escolhe, não o contrário. Tenho na mão alguns projetos prontos. Uma volta ao estilo das comédias anárquicas dos curtas, que se chama *The Billi pig*, onde um curandeiro de bairro e um casal de fracassados se juntam para realizar um milagre. Seria também minha homenagem à chanchada. O filme que mais acalento fazer trata de um diário do Oswald de Andrade anterior à Semana de 22. E também pretendo passar pela experiência de diretor contratado, embora considere o projeto como se fosse meu. Chama-se *O gorila*, adaptação de uma novela do Sérgio Sant`ana com Otávio Muller e produção do Rodrigo Teixeira."

Se nada mais der certo

"Tenho outros roteiros, algumas ideias de guerrilha cinematográfica para me manter na ativa experimentando, me jogando em abismos e voltando. Outros são projetos com ambições de diálogo com o grande público. Seja como for, pretendo continuar contando histórias de pessoas tentando se encontrar no seu tempo, se conectar à sua realidade, sem dogmatismos, certezas ou fatalismos, e com isso também me divertir. Como diria Drummond: O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente."

Faróis

Os dez filmes que mais influenciaram a concepção de cinema de José Eduardo Belmonte:

1. ***Prénom Carmen***, de Jean-Luc Godard
O filme todo é arrebatador. Soberbo uso do som com a imagem que seguem caminhos divergentes e se somam. Conceitual, poético. Talvez o filme que mais me impressionou junto com...

2. ***Touro indomável***, de Martin Scorsese
Personagens brigando contra sua própria natureza. O olhar para miudezas que revela o todo, a montagem que acelera e retarda desconstruindo o tempo e revelando os personagens. Preparação, tensão, resolução.

3. ***Meu tio da América***, de Alain Resnais
Uma vez dentro do cinema, tudo é possível. Assumir na arte e na vida toda a contradição de ser humano.

4. ***Asas do desejo***, de Wim Wenders
O olhar reflexivo, humanista e afetuoso sobre o outro. Desapego. O cinema mais próximo da poesia que da prosa.

5. ***Terra em transe***, de Glauber Rocha
Dentro do cinema tinha a sensação de quem tem um êxtase religioso, tal a excelência da câmera, da montagem, do texto, da atuação, do que era dito... Experiência igual tive com...

6. ***A estrada perdida***, de David Lynch
Senti que fui a outro mundo e voltei. A imagem e som entrando por todos os poros. Mexendo em todos os sentidos.

7. ***Confiança***, de Hal Hartley
Digam o que quiserem: que está datado, que Hal Hartley era um blefe. Esse é o filme da minha geração, junto com...

8. ***Amores expressos***, de Wong Kar Wai
Filmes e sentimentos baratos com paixão, honestidade, sem empáfia e com atenção ao agora.

9. ***O Homem com a câmera***, de Dziga Vertov
Antes das coisas serem inventadas, já estava tudo lá.

10. ***Cantando na chuva***, de Stanley Donen
Cinema também tem que fazer você gozar da cintura pra baixo.

Menções Honrosas para ***Gaviões e passarinhos***, de Pier Paolo Pasolini, e ***Solaris***, de Andrei Tarkovski.

Ao ver esses dois filmes, aos 15 anos numa mostra de cinema fantástico, vi que o cinema podia ser algo muito além de ***Marcelino pão e vinho*** ou ***Se meu fusca falasse***. E também para ***O incrível homem que encolheu***, de Jack Arnold, um dos melhores contrabandos da história do cinema. Filosofia disfarçada em filme B de ficção cientifica.

Da esq. para a dir. *Terra em transe, Amores expressos* e *Prénom Carmen*